

PSICANÁLISE & TECNOLOGIAS sociais

Organizadoras

Andrea Gabriela Ferrari

Cláudia Porrone

Simone Moschen

Volume 1



Copyright © Editora CirKula LTDA, 2023.

1º edição - 2023 - Volume 1

REVISÃO: Mauro Meirelles e Gustavo Duarte

PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS, NORMATIZAÇÃO E EDIÇÃO:
Mauro Meirelles

DIAGRAMAÇÃO: Luciana Hoppe

CAPA: Luciana Hoppe

Imagem da Capa: Luisa Roos

TIRAGEM: 125 exemplares

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO -CIP

P974 Psicanálise e tecnologias sociais / organizadoras Andrea Gabriela Ferrari, Cláudia Perrone, Simone Moschen. – 1.ed. – Porto Alegre: Cirkula, 2023.
218 p. : il. – (Coleção Psicanálise: Clínica e Cultura)

ISBN: 978-85-7150-048-8

1. Psicanálise – Tecnologia social. 2. Escuta psicanalítica. 3. Saúde mental – Políticas públicas. 4. Educação infantil. 5. Psicanálise – Pesquisa. 6. Cuidado da criança. I. Ferrari, Andrea Gabriela. II. Perrone, Cláudia. III. Moschen, Simone. IV. Série.

CDU: 159.964.2

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Todos os direitos reservados à Editora CirKula LTDA.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Editora CirKula

Av. Osvaldo Aranha, 522 - Bomfim

Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190

e-mail: editora@circula.com.br

Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

Este livro foi submetido à revisão por pares, conforme exigem as regras do Qualis Livros da CAPES.

Capítulo 8

Reanimar a palavra: a psicanálise como tecnologia da linguagem

Simone Moschen
Janniny Kierniew
Claudia B. Fröhlich

Introdução

Na história do cuidado, a Psicanálise cunhou uma nova caixa de ferramentas. O bisturi que ela ali introduziu opera por meio de cortes sobre a superfície da linguagem. Aqueles que dirigem suas in(ter)venções, tendo como norte o horizonte criado pela Psicanálise, lançam mão de um bisturi que, ao incidir sobre a palavra, corta-a com o intuito de libertar a polissemia que ela traz consigo e que, muitas vezes, encontra-se aprisionada na fixidez imaginária de um sentido experienciado como necessário. Ao abrir a palavra ao trabalho da produção de novos sentidos – não antecipáveis –, a escuta analítica pode propiciar, como um certo efeito secundário, a experiência de que o mundo tal como o nomeamos – e constituímos – é uma produção que decanta do jogo linguageiro que, posto em marcha, posiciona de forma contingente o sujeito e o que lhe é exterior numa determinada modalidade de laço. É essa contingência, muitas vezes vivida como necessidade, que é desvelada pelo corte operado pela escuta em transferência, abrindo um caminho

de responsabilização – ali onde justamente não dispomos de controle – sobre o mundo que as palavras criam.

Sob certa perspectiva, talvez pudéssemos dizer que, ao fim e ao cabo, a Psicanálise poderia se sentir, ainda que não de todo – o que seria até mesmo um contrassenso psicanalítico –, representada como uma tecnologia da palavra evocada em transferência. Um modo singular de escutar/ler a palavra dita em transferência e, por meio dessa escuta, inscrever/escrever aberturas a novas linhas de produção de sentido – e de não sentido –, de onde derivam novas experiências de si e do mundo.

Ainda que em outra perspectiva, Foucault (1990) já havia sinalizado na direção de uma articulação entre tecnologia e produção de subjetividade por meio da noção de tecnologias do eu, ao apontar um conjunto de práticas que permitem os sujeitos a transformação de si por meio de operações com a linguagem, “operações sobre o seu corpo e sua alma, pensamentos, condutas ou qualquer forma de ser” (FOUCAULT, 1990, p. 48). Evocar Foucault não tem aqui o intuito de localizar a Psicanálise como uma tecnologia do eu, mas de chamar a atenção para a associação que ele propõe entre essas palavras, tecnologia e eu, como forma de produzir uma abertura para a proposição de uma outra associação, qual seja, entre tecnologia e linguagem. Interessa-nos pensar a escuta psicanalítica como uma certa artesanaria cuja matéria-prima é a linguagem. Uma artesanaria que procura dar forma a artefatos singulares por meio de in(ter)venções que incidem sobre a “dura matéria” da língua (LLANSOL, 2005, p. 72).

No campo da Saúde Coletiva, território no qual o Nuppec_eixo2 constituiu algumas de suas ações de pesquisa-

-in(ter)venção, encontramos inspiração para um pequeno deslocamento semântico operado sobre a palavra tecnologia. Um pequeno deslocamento de grandes efeitos. Nas práticas em saúde, refere Merhy (2002), verificam-se, pelo menos, três valises tecnológicas que funcionam como caixas de ferramentas. Numa primeira valise, encontram-se as tecnologias duras, correspondentes aos equipamentos operacionais que estruturam os serviços de saúde (exames laboratoriais, de imagens etc.). Numa segunda, situam-se as tecnologias leves-duras, compreendidas como instrumentos de trabalho menos evidentes, no caso dos saberes das clínicas médica, psicanalítica, odontológica etc., que operam especificamente quando alguma dúvida ou incerteza atravessa o cotidiano do profissional em saúde e coloca em questão a “dureza” do saber estruturado. Por fim, numa terceira valise, estariam armazenadas as tecnologias leves, compostas pelos gestos, quase imperceptíveis, mas que tecem, pela urdidura da linguagem e do tempo, a formação de vínculos, ou seja, a escuta, o acolhimento e o cuidado. São instrumentos compartilhados por certos grupos de trabalho, construídos a partir do investimento nas relações cotidianas. Essas três valises participam, para o autor, de um modo de trabalho em saúde que pode ser caracterizado como “vivo em ato”: as decisões por lançar mão das ferramentas de uma ou outra valise se dão a todo instante, sustentadas no trabalho coletivo das equipes diante dos impasses colocados por cada atendimento.

O jogo entre dureza e leveza, indicado pelas noções cunhadas por Merhy, evoca-nos o testamento literário de Italo Calvino, presente no livro *Seis propostas para o próximo milênio*. Trata-se de um conjunto de conferências, que não chegaram a ser proferidas pelo escritor, no qual ele

elencar os atributos que considerava imprescindíveis para atravessar o nosso tempo. Semelhante à aposta de Merhy (2002), Calvino elege a leveza como uma de suas propostas para este milênio, embora não sem uma ressalva: “qualquer valor que escolha como tema de minhas conferências não pretende excluir seu valor contrário” (CALVINO, 2010, p. 59). Assim, para uma discussão sobre a leveza, é preciso nela incluir seu avesso, o peso, sempre presente nas andanças da vida. Manter o paradoxo entre leveza e peso, ou, com Merhy, entre leveza e dureza, é atentar para o fato de que no jogo da linguagem importa zelar pelo tensionamento do qual pode derivar a abertura para um porvir: tensionamento entre a cristalização do sentido em sua presença dura e a fluidez do que não ganha condições de ser articulado em linguagem e, poderíamos dizer, desloca-se ininterruptamente em sua ausência de peso.

Neste artigo, buscamos retornar a alguns escritos iniciais de Freud com o objetivo de ler neles indícios que nos permitem propor a escuta psicanalítica como uma tecnologia da linguagem. Nesse retorno, não estaremos ocupadas com uma leitura minuciosa de cada texto retomado, ou ainda com a atualização de cada noção desenhada pelo autor – o que demandaria certamente operar um gesto crítico que também indicaria o que lá estava cifrado e que hoje não mais nos parece operativo para ler nosso tempo. Buscaremos, sim, sublinhar alguns fundamentos que nos parecem estar em causa no vivo da experiência psicanalítica de escuta do inconsciente. Nosso percurso findará por testemunhar, muito brevemente, uma in(ter)venção em um território que chamamos de à céu aberto. Uma in(ter)venção em um hospital público que buscou ativar condições de abertura polissêmica da linguagem no trânsito de encontros intensivos.

Freud, artífice da palavra

Quando retornamos ao trabalho de Freud, identificamos em seus primórdios, como marca de uma tomada de posição perante a ciência e as tecnologias da época, uma acuidade ímpar ao jogo polissêmico da linguagem. A centralidade do trabalho com a palavra, presente no giro terapêutico com as histéricas, que fez com que se produzisse um deslocamento do olhar para a escuta, não esteve presente apenas como atitude clínica, mas produziu derivações teóricas e éticas incontornáveis. Essa torção, parece-nos, está intimamente relacionada a uma determinada forma de conceber a presença do tempo no funcionamento da maquinaria linguageira; forma que encontramos esboçada já nos textos primordiais da Psicanálise.

Foi em uma viagem de trem de Berlim a Viena, depois de uma visita ao amigo Fliess, que Freud começou a escrever o texto que viria a se chamar *Projeto para uma Psicologia Científica*. Só temos acesso a esse artigo, escrito no outono de 1895, porque Marie Bonaparte, ex-paciente de Freud, princesa da Grécia e Dinamarca, tinha-o adquirido de um livreiro que havia comprado não só esse manuscrito, mas também parte da correspondência entre Freud e Fliess. Sabemos que Freud tentou retomar o manuscrito, ao que tudo indica com o intuito de destruí-lo. Possivelmente, porque não o considerava suficiente – ou até mesmo ultrapassado, em muitos aspectos – em relação às questões que ao longo de suas pesquisas tinha alcançado delinear. Interessante, contudo, que, à parte o desconforto de Freud com esse texto, encontramos nele elementos que retornarão articulados sob a forma de diferentes equações ao longo da obra freudiana. O que aqui nos interessa localizar são,

especialmente, três desses elementos: o lugar do que, nos textos sobre as lembranças encobridoras, de 1899 e publicado em 1901, será denominado *ponte verbal* – elo entre o que é lembrado e o que não pode ser recordado; o *a posteriori* como operação temporal que articula as inscrições psíquicas para dar-lhe um sentido – novo; e a *ausência* de um termo inicial, de um *ponto de origem*, como causação primeira das formações do inconsciente.

Quase ao final do *Projeto*, Freud descreve o caso de Emma; uma jovem que não pode entrar em lojas sozinha sob pena de experimentar um forte ataque de angústia. Nesse momento, Freud esboçava o que seria sua tese orientadora: os sintomas são substitutos de algo silenciado na memória. Um acontecimento carregado de uma força psíquica não pode ser recordado, pois representa uma ameaça ao eu que trabalha para manter sua integridade e coerência. Esse acontecimento é “esquecido” e na consciência surge, como seu substituto, uma outra recordação – ou um sonho, ou um lapso, ou um chiste. Orientado por essa tese nascente, chama a atenção de Freud duas recordações que Emma vê surgir em seu esforço de rememoração – vale a ressalva de que nesse artigo o autor está empenhado em um esforço de transmissão e, por conta disso, a descrição que ele faz elide as arestas com as quais a clínica lida.

A primeira lembrança de Emma, que Freud chama de Cena I, havia ocorrido aos seus doze anos: ela entrou em uma loja, viu dois vendedores rindo juntos, saiu correndo tomada por um afeto de susto: “os dois estavam rindo da roupa dela e um deles a havia agradado sexualmente” (FREUD, 1976d, p. 369). À segunda lembrança trazida por Emma, Freud chama de Cena II: com oito anos ela

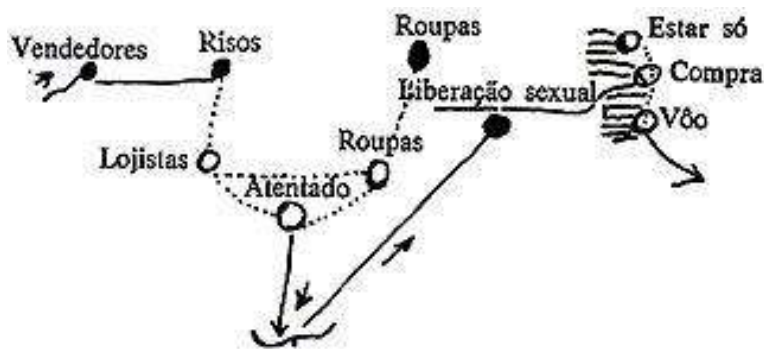
esteve, por duas vezes, em uma confeitaria para comprar doces; na primeira vez o proprietário lhe tocou por cima da roupa. Apesar disso, ela voltou lá uma segunda vez. Depois, parou de ir. Ao narrar essa cena, Emma ressalta que não tinha em mente a cena quando se deu o acontecido aos 12 anos de idade.

Ao pensar o caso de Emma, Freud vai propor que a cena vivida aos 12 anos fisga a memória do acontecimento da confeitaria aos 8 anos e lhe confere um valor traumático. Emma significa o que havia acontecido aos 8 anos como algo da ordem do sexual e se recrimina por isso. Mas só o significa dessa forma quando, aos 12 anos, se vê às voltas com o início da puberdade e com uma sexualidade emergente. À parte uma série de deslocamentos que podemos, hoje, fazer incidir sobre os efeitos do esforço de compreensão de Freud, alguns deles empreendidos pelo próprio autor, como quando passa a propor a sexualidade como uma presença que atravessa a vida desde seus primórdios, não irrompendo propriamente na puberdade, há algo que se esboça como uma espécie de equação a regular a produção do sentido; um modo de funcionamento que veremos percorrer todo o trabalho de pesquisa freudiano, qual seja: a retroação de um acontecimento presente sobre uma memória passada é capaz de conferir a essa memória um estatuto traumático implicando o seu recalçamento. Freud, nesse momento, inscreve uma importante inversão na seta do tempo: o hoje é capaz de retroagir sobre o ontem e lhe conferir um novo valor. Esse funcionamento em retroação, próprio ao obrar da linguagem, é proposto como uma lei que articula também o funcionamento do aparelho psíquico, mais especificamente, do processo primário. Não nos passam despercebidos os ressoos dessa proposição no aforisma enunciado por Lacan: “o

inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1988, p. 25); as leis que estruturam o inconsciente são as mesmas que estruturam uma linguagem.

Estamos, assim, diante de uma tese freudiana que não será revista e que permitirá a ele propor o aparelho psíquico, que nesses tempos primordiais é um aparelho de memória, como um aparelho de linguagem. Neste momento do texto, Freud ([1895] 1976d) nos lega um esquema; de algum modo precisa do recurso a uma imagem para transmitir o que está esboçando:

Figura 1 – Desenho de Freud em Projeto para um Psicologia Científica



Fonte: Freud (1976d, p. 370).

Freud avança no sentido de propor o aparelho psíquico como um aparelho de linguagem indicando que a causalidade que faz funcionar esse aparelho remonta a um ponto deixado em branco: os elos associativos que emergem da escuta vão sendo reconstituídos até tocarem em um ponto em que nada se escreve, um ponto vazio. Um umbigo, dirá ele em 1900, quando da escrita de *A interpretação dos sonhos* – esse, sim, reconhecido por ele como texto inaugural da Psicanálise. As setas que a associação retroativa escreve rumam para um lugar em que nada se marca, onde podemos

supor um elemento não dizível, não articulável pela linguagem: diríamos, num trabalho de aproximação a Lacan, um elemento Real. Como ele nos lembra, “o inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado *por um branco* ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (LACAN, 1998, p. 260, grifo nosso). Deixemos esse ponto em suspensão: a causalidade em Psicanálise implica o Real. Avancemos na direção das “pontes verbais”, mantendo-nos próximas dos primeiros textos psicanalíticos.

Em um texto de 1899, *Lembranças encobridoras*, publicado um ano antes do texto inaugural da Psicanálise, Freud retorna ao tema da memória indagando-se sobre a presença reiterada de lembranças aparentemente desprovidas de intensidade em contraste com o apagamento de recordações supostamente marcantes. “Surpreendo-me ao esquecer uma coisa importante, e talvez me sinta ainda mais surpreso ao recordar alguma coisa aparentemente irrelevante” (FREUD, 1976b, p. 271). Ao trabalhar com este contrasenso da memória, Freud dá um passo a mais na proposição do funcionamento do aparelho psíquico como um aparelho de linguagem. Sua proposta será a de que

[...] há duas forças psíquicas envolvidas na promoção desse tipo de lembranças. Uma dessas forças encara a importância da experiência como um motivo para procurar lembrá-la, enquanto a outra – uma resistência – tenta impedir que se manifeste qualquer preferência dessa ordem. Essas duas forças opostas não se anulam mutuamente [...]. Em vez disso, efetua-se uma conciliação, numa analogia aproximada com a resultante de um paralelogramo de forças (FREUD, 1976b, p. 274).

A recordação que emerge na consciência o faz por meio de um elemento verbal que se liga ao que precisou per-

manecer recalçado. Esse elemento verbal opera como uma ponte produzindo uma conciliação entre a necessidade de não lembrar e a impossibilidade de esquecer. “O processo que aqui vemos em ação – conflito, recalçamento e substituição – retorna em todos os sintomas psiconeuróticos e nos fornece a chave para compreendermos sua formação” (FREUD, 1976b, p. 275).

Além de uma formalização do funcionamento do aparelho psíquico em uma equação que opera tanto no obrar da memória quanto na formação dos sintomas, no trabalho dos sonhos, dos lapsos e dos chistes, Freud nos fornece um caminho precioso: “o passo intermediário entre uma lembrança encobridora e aquilo que ela esconde tende a ser fornecidos por uma *expressão verbal*” (FREUD, 1976b, p. 284, grifo nosso). Indicação esta retomada no texto *Lembranças encobridoras e lembranças de infância* com a expressão “pontes verbais” (FREUD, 1976c, p. 58). Muitos são os recortes clínicos e os testemunhos biográficos que o psicanalista nos fornece para sustentar sua proposta. Vejamos, rapidamente, um deles. Trata-se de uma memória insistente que muito o intrigava:

Eu me via exigindo alguma coisa e chorando, parado diante de uma arca [“*Kasten*”, também “caixa”] cuja porta meu meio irmão, vinte anos mais velho do que eu, mantinha aberta. E então, de repente, linda e esguia, minha mãe entrou no quarto, como se estivesse voltando da rua (FREUD, 1976c, p. 58).

Essa memória reincidente permaneceu enigmática para Freud até o momento em que ele pôde escutar a palavra *kasten* presente, num deslizamento homofônico, em *eingekastelt* (“encaixotada”). *Kasten* lhe surge, então, como ponte verbal

entre o lembrado e o esquecido quando é escutada em *eingekastelt* – o que em português poderíamos traduzir também como “engaiolada”. Abrir a palavra *caixa* na direção de *encaixotada* (engaiolada) fez Freud supor que a sua ideia de procurar a mãe, da qual sentia falta, na arca – e se entristecer com sua ausência – era uma estratégia derivada da experiência da perda de contato com uma babá que lhe fora muito cara. Essa senhora, no dizer de sua mãe, havia “praticado grandes furtos na casa enquanto [ela] convalescia do parto” (FREUD, 1976c, p. 58). Por iniciativa de seu irmão mais velho – o mesmo da lembrança –, a babá havia sido “levada ao tribunal”. Freud supõe, então, que seu irmão devia ter lhe dito, ao ser perguntado sobre a babá, que ela estava *eingekastelt* – “engaiolada” –, o que ele deve ter entendido “à maneira infantil (ou seja, literalmente)” (FREUD, 1976c, p. 58). Diante do sumiço da mãe, possivelmente por conta do parto de sua irmã imediatamente mais nova, Freud supõe ter suspeitado de que ela, como a babá, devia ter sido, por obra de seu irmão, presa em uma arca (*Kasten*), encaixotada.

Detivemo-nos nesse exemplo para acompanhar como Freud foi dando corpo a proposta de um inconsciente que funciona pelas mesmas leis que estruturam a linguagem. Essa hipótese se desdobra com tamanha consequência que ele afirma, em nota de rodapé, ao escrever a *A interpretação dos sonhos*, que “os sonhos se acham relacionados de forma tão íntima com a expressão linguística que Ferenczi (1910) observou acertadamente que cada idioma possui sua própria linguagem onírica” (FREUD, 1976a, p. 122). É tendo como horizonte a formalização de um inconsciente que trabalha regido pelas leis que estruturam a linguagem que Freud nos lega sua obra magistral, *A interpretação dos sonhos*, e nela des-

taca o trabalho de interpretação de um de seus sonhos como modelo do método que estava procurando transmitir.

Retomemos o texto do sonho:

Um grande salão – numerosos convidados a quem estávamos recebendo. – Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “*solução*”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... – isto está me sufocando.” – Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. – Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. – Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.” Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido.)... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.”... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo

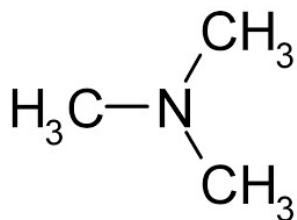
bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa (FREUD, 1976a, p. 115).

Para avançarmos sobre a escuta como uma tecnologia da linguagem que ao ser posta a operar produz efeitos clínicos (singulares) e políticos (coletivos), gostaríamos, inicialmente, de marcar o termo “solução”, que no texto do sonho aparece entre aspas, indicando já uma possibilidade de trabalho com a palavra. Sabemos que Freud, nesse momento de sua elaboração, acreditava que a solução de um conjunto de sintomas passava pela comunicação das associações existentes entre esses sintomas e os elementos que, recalcados, eram representados neles. A solução estaria em algo como tornar consciente o inconsciente representado nos sintomas. Ele havia comunicado a Irma a “solução” e, no seu entender – ou desejo – ela seguia doente exclusivamente porque não havia aceitado sua comunicação. Seu sonho, nas primeiras linhas, quer livrá-lo da responsabilidade: ele havia feito seu trabalho. Mas a dúvida está com ele, “talvez pudesse não ter percebido algum distúrbio orgânico” – como escreve –, talvez algo tenha lhe passado despercebido. Ele insiste em examiná-la novamente, depois de se assustar com sua aparência pálida. Ela resiste, mas finalmente abre a boca. O que Freud vê é assustador. Ela abre a boca e o que ali ele encontra é a imagem do horror. É nesse ponto que acontece algo que nos interessa sobremaneira: não atravessamos o horror sozinhos, não retomamos a condição da palavra diante do Real sem que nos façamos acompanhar.

São os colegas de Freud – Dr. M., Otto, Leopold – que o ajudam a olhar para o que a boca revela; avançam, juntos,

ainda que tropeçadamente, no exame da paciente – impossível passar despercebido o lugar que a convocação dos pares tem no atravessamento do limiar da palavra. Eles avançam e se detêm em “uma área surda, bem embaixo, à esquerda”. As perguntas atormentam Freud: deixei de perceber algum distúrbio orgânico? Fiquei surdo a algo que, vindo de uma área bem abaixo, à esquerda, tentou ser dito? Não! “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada”. Tudo se resolverá. Mas qual a origem dessa infecção? “Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, *impressa em grossos caracteres*)”.

Otto havia aplicado em Irma uma injeção, origem de seus males, de sua infecção; havia lhe aplicado um preparado, podemos dizer uma solução de trimetilamina. Solução que Freud vê impressa em grossos caracteres: grifemos, *uma solução escrita*. Aqui, novamente, algo que tem para nós extremo valor: a solução – um preparado, uma fórmula escrita – aparece como elemento, ao mesmo tempo, causador de doença e de cura. A palavra – sublinhemos novamente, escrita – em sua dupla posição: solução causadora das dores de Irma; mas também a palavra, solução, lida por Freud como indicação do caminho da cura. E de que natureza é essa palavra, em que posição o sonho a localiza? Nesse sonho, Freud nos lega uma palavra que, como imagem, vem impressa em grossos caracteres:



Uma imagem que, de algum modo, remete à arbitrariedade do símbolo que escreve o composto químico e que de algum modo nos dá notícias do que está em causa nas descobertas do psicanalista: que o jogo simbólico se desdobra no terreno da arbitrariedade e produz, ao mesmo tempo, mal-estar e solução. Aqui, lembramos Lacan:

Tal qual um oráculo, a fórmula não fornece resposta alguma ao que quer que seja. Mas a própria maneira pela qual ela se enuncia, seu caráter enigmático, hermético, é justamente a resposta à questão do sentido do sonho. *Não há outra palavra, outra solução ao problema de vocês [psicanalistas] senão a palavra*” (LACAN, 1987, p. 202).

Há, no legado que Freud endereça aos psicanalistas, a localização de um impossível numa posição estruturalmente idêntica à que a solução adquire no sonho – causa e remédio de um mal-estar: o impossível, ponto limite da interpretação, aparece, ao mesmo tempo, como causa do trabalho do Simbólico e como seu efeito. A partir do impossível de dizer nos colocamos a falar, falando damos novos contornos ao impossível, reafirmando-o – e não o debelando. É a esse impossível que Freud dá imagem em outra nota de rodapé: “existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é insondável – um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido” (FREUD, 1976a, p. 132). Sobre essa proposição, Garcia-Roza nos diz:

Quando Freud aponta o umbigo do sonho, e o faz em dois momentos da *Traumdeutung*, ele está preocupado em apontar o inacabamento essencial com que está marcada toda interpretação. Não se trata apenas do limite oferecido pela resistência, pela defesa, mas de algo mais fundamental e que diz respeito não apenas ao umbigo do sonho mas

aponta para *o umbigo da própria linguagem* (GARCIA-ROZA, 2008, p. 73, grifo nosso).

Não há um ponto de origem, um começo absoluto – assim como não há um fim, um ponto ao qual a caminhada devesse se orientar. Há uma trama, e essa trama pode, ao mesmo tempo que alargar as margens do dizível, escrever novos não dizíveis. A escuta que, com seu bisturi, busca incidir sobre as malhas simbólicas, deseja permitir que o trabalho de tessitura da linguagem siga alargando as condições enunciativas.

Quando Lacan, no seminário *Mais, ainda*, procura avançar no ponto que Freud nomeou como “umbigo do sonho”, ponto que ele, por sua vez, nomeará de Real, ele nos oferece uma imagem: “o trabalho do texto que sai do ventre da aranha” (LACAN, 1985, p. 126). Lacan nos convida a observar a trama que sai do ventre da aranha e a nomeia como texto, como trabalho de fazer aceder o Simbólico ao Real. A aranha escreve uma teia – trama textual – na positividade de seus fios e na negatividade dos espaços deixados vazios. Na medida em que ela avança, alargando seus domínios, criam-se espaços vazios, contornados por seus fios de texto, num trabalho infinito, sem princípio ou fim. Chegamos, nesse ponto, a uma imagem potente do que poderia ser o Simbólico trabalhando e constituindo, com seu trabalho, num mesmo movimento, uma ampliação do mundo e um resto Real. Trabalho que não encontra seu ponto de chegada justamente porque o que o causa carece da substancialidade de um ponto de origem.

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade [...] esse é o umbigo do sonho, o ponto onde

ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido: estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio (FREUD, 1976a, p. 482).

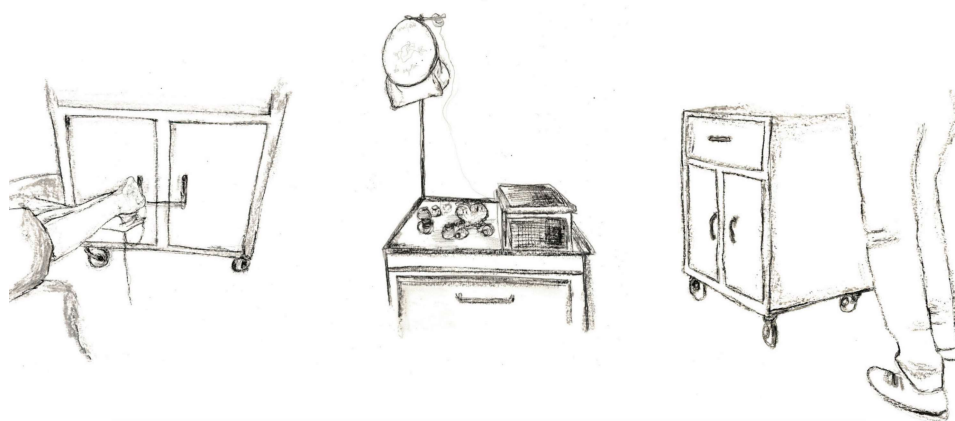
Pela “natureza das coisas”, pelo funcionamento estrutural da linguagem, não chegaremos nunca à palavra derradeira. Como analistas, importa-nos incidir sobre a palavra de forma a indicar as muitas camadas que ela pode conter, a abrir espaço para o jogo simbólico, para novos arranjos que permitam aberturas a novos sentidos ali onde a palavra coagulou em um sentido único. Não estamos interessados na causa primeira, no desvelamento do que estaria “por de trás do dito” – não nos deslocamos na espacialidade da fundura; operamos, sim, com a topologia das superfícies, em suas voltas e reviravoltas. Herdeiros/as de Freud, somos artífices da palavra, arquitetos/as de uma tecnologia que incide sobre a matéria prima da linguagem. Trabalhamos para incidir sobre a superfície languageira onde o sentido se faz e se desloca, se faz porque se desloca.

Psicanálise a céu aberto: um carrinho de parada no hospital

O barulho incessante das rodas girando no chão anunciam a passagem. Bate porta, bate gaveta, bate haste, bate coração, bate tudo. E faz ruído. No caminho há os pares: rodas de camas, rodas de cadeiras, rodas de armários, rodas de lata, rodas de lixo. Oi, tudo bem? Para que serve? O que

é isso? Onde é que vocês estão indo? Precisam de ajuda? Virando à esquerda, passando por aquela porta e dobrando logo depois das duas placas de sinalização. Desculpa, espera um pouco, agora não dá. Estaciona ali do lado, aguarda um instante. Quem são vocês mesmo? Estão indo na fisioterapia? Ah sim, quantas histórias para contar! Vi vocês na outra semana, o que é? As rodas seguem girando, giram e giram e giram e não param de girar no trânsito do vai-e-vem que só acontece mesmo para todos esses que correm, os corredores. Uma roda de bordado. 1, 2, 3,4. a, b, c, d, e. 4-b é o destino. Estreito e silencioso. Não há mapa no imenso labirinto do hospital e, para variar, estamos quase sempre perdidas.

Figura 2 – Esboço do Carrinho de Parada customizado



Fonte: Registro dos pesquisadores (Diário de Borda, 2021).

O Nuppec_eixo2, ao longo de seus dez anos de existência, sustentou diversas pesquisas-in(ter)venções em diferentes contextos institucionais. Em suas incursões na cidade, desdobrou o princípio basilar da Universidade Pública brasileira: articular pesquisa, ensino e extensão. A cada movimento na direção da *pólis*, viu-se às voltas com dar corpo à proposição de uma Psicanálise que apura – como quem

aprimora um sabor – o trato com a linguagem; uma *práxis* que se desdobra como uma tecnologia da palavra cuja produção mira a extensão de mundos e a quebra de muros. Dos caminhos trilhados, escolhemos compartilhar o mais recente como forma de fazer ver o que está em causa na abertura para a escuta do inconsciente em um espaço em que a presença da Psicanálise não é, necessariamente, corriqueira: uma pesquisa-in(ter)venção desdobrada no território de cuidado à dor crônica e à terminalidade da vida.

Entre os anos de 2015 e 2020, integrantes do Nuppec_eixo2 deram forma a um dispositivo móvel de escuta nos corredores dos leitos do Setor de Dor Crônica e Cuidados Paliativos de um hospital público na cidade de Porto Alegre. Esse dispositivo, construído junto ao Setor, mirou a criação de uma tecnologia de escuta e in(ter)venção, sustentada na ética da Psicanálise, cuja aposta era mobilizar o trabalho com a linguagem, tanto com os pacientes em fim de vida quanto com a equipe multidisciplinar do Setor.

Como em outros contextos de pesquisa-in(ter)venção, nossa aproximação ao Setor se deu de forma a respeitar o tempo da instauração da transferência, o que implica, de forma incontornável, abrir mão de qualquer antecipação quanto a como se dará o encontro e o que ele indicará como possibilidade de direção para o trabalho. Para operar dentro das margens de uma escuta psicanalítica – ainda que em território a céu aberto, portanto muito distante do contexto de um consultório –, foi necessário transitar por um tempo-espço de indeterminação até que a própria transferência deixasse ver a estrutura do tecido languageiro no qual estávamos autorizadas a incidir e os instrumentos com que iríamos contar para nosso trabalho de fiação,

corte e costura. Ao habitar esse espaço-tempo de escuta e indeterminação, encontramos-nos, e fomos encontradas, por um Carrinho de Parada – um aparato hospitalar usado para reanimação cardiovascular, para atender urgências nos corredores, nas salas de emergência e transitar pelos leitos e blocos cirúrgicos. Em sua nomeação, ele atualizava o jogo polissêmico da linguagem ao indicar, a um só tempo, movimento e parada. A escuta, ao incidir sobre essa nomeação em seu jogo de corte, costura e fiação, pôde abrir camadas de sentido e linhas de associação para um artefato comum à arquitetura hospitalar, corriqueiro em sua presença nos corredores da instituição, de modo a colocar em primeiro plano a trama linguageira que cria os diferentes mundos que nos constituem como sujeitos.

A palavra *parada* é uma derivação do verbo “parar” que carrega consigo possibilidades que se desdobram na direção do ser e do estar. Em uma busca do significado de parar, encontramos pouso etimológico no significante existir: existir vem do latim *existere*, ou *existere*, junção do prefixo *ex* com *sistere*. O verbo *sistere*, em latim, remete-nos a colocar de pé, ou ainda, firmar alguma coisa, mas, também, pode apontar para os verbos parar, conter, insistir ou resistir: manter-se firme, no seu lugar, sem se mexer; parar. *Existere*, então, pode designar algo firme, parado. É curioso pensar que um carrinho ambulante, que se move pelos corredores de um hospital, onde vemos por todos os lados placas com letreiros vermelhos indicando “emergência” – com a pressa que lhe é característica –, seja justamente um carrinho que, em sua nomeação, alude a uma parada. Esse jogo da palavra que puxa o fio de um freio nas urgências articulando-o, paradoxalmente, à colocação em causa de um movimento – uma reanimação que faz o coração voltar a bater –,

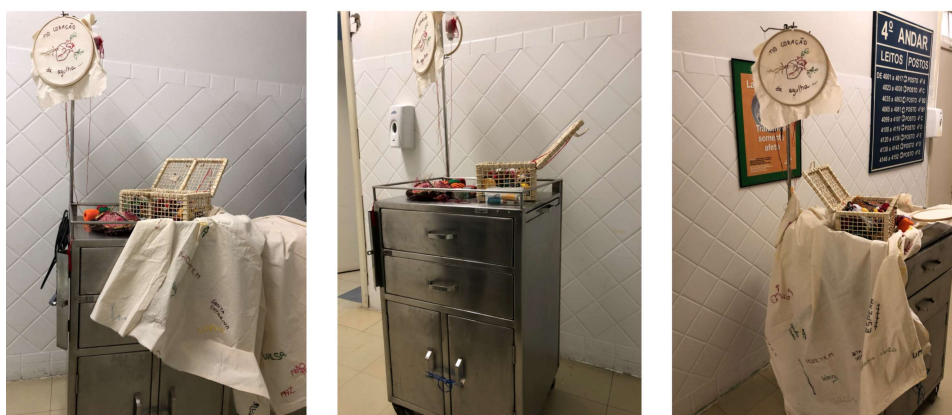
pareceu-nos indicar uma potente conjugação de contrários sem indicar a superação de suas diferenças em uma síntese apaziguadora: a parada que permite o movimento, o movimento que carrega a condição de parada.

O significante *carrinho*, por sua vez, permitiu-nos colher um traço que parece dizer muito sobre o que ele se tornou nas andanças pelos corredores do hospital. No dicionário, uma das possibilidades de sentido articulada à palavra é: “parte da máquina de escrever que se desloca”. Nossa proposição do Carrinho de Parada, como um dispositivo de escuta ambulante, fez-se certamente a partir da tessitura entre os fios do deslocamento e da escrita. Fomos fisgadas pelo Carrinho de Parada como um meio para produzir encontros, sobretudo, com vistas a estabelecer um diálogo com os pacientes em fim de vida, para que pudessem, quem sabe, deixar uma palavra, escrever em um tecido coletivo ou, ainda, inscrever uma marca, um traço para a memória de sua passagem no mundo – uma tecnologia do cuidado para resguardar a singularidade dos sujeitos. O Carrinho como uma alegoria, uma máquina de escrita, de linguagem, que se desloca, capaz de propor uma pequena borda, ser ponto, vírgula, exclamação, interrogação (POMMIER, 1990); um detalhe mínimo que almeja fazer diferença no manto liso da continuidade necessária. Ou ainda, uma possibilidade de fazer irromper algo da existência, um efeito de sujeito, por meio de elementos mínimos que incidem sobre o sentido e a forma, fazendo aparecer a sua ilusória estabilidade.

Interrogada pelo significante *Carrinho de Parada*, da mesma forma que um/a psicanalista é interrogado/a por algum significante desdobrado na trama discursiva de seu analisante, a equipe de pesquisa, junto com a equipe de

trabalhadores/as do Setor, decidiu incidir sobre sua forma, por meio de um pequeno gesto de deslocamento, e fazê-lo rodar pelos corredores do hospital como um posto móvel de escuta, um dispositivo para reanimar o jogo simbólico da palavra com a consequente expansão de mundos que ele poderia vir a acionar. Com uma pequena customização, foram agregados ao Carrinho fios, linhas, agulhas e um bastidor. O mesmo Carrinho de Reanimação de Parada Cardíaca agora era um Carrinho de Reanimação da Palavra.

Figura 3 – Carrinho de Parada nos corredores



Fonte: Registros dos pesquisadores (Diário de Borda, 2019).

Ao ser um dispositivo hospitalar criado com um determinado fim e, nesse contexto, proposto para mobilizar outros fins, a partir de um pequeno deslocamento em sua forma – operação própria, também, ao campo da arte –, o Carrinho de Parada rodou pelos corredores do Setor com o intuito de lançar um convite para que pacientes, familiares e trabalhadores em Saúde desativassem momentaneamente o sentido “necessário” e estável das coisas. Diríamos que a customização do Carrinho buscou colocar em primeiro plano a polissemia significativa que sua nomeação inclui. Ou ainda, se quisermos dizer de outra forma, talvez mais precisa: o Carrinho de Parada foi proposto pela equipe de

pesquisa à maneira de um chiste. Ele buscou descascar a palavra de forma a revelar suas múltiplas camadas, propiciando outras articulações em termos de linguagem. Lembremos que para Freud o chiste constitui, com os sintomas, sonhos e atos falhos, uma das formações do inconsciente. Ao rodar por entre outras rodas-pares, por entre corredores, por entre dores silenciosas entre os leitos, por entre trabalhadores apressados, o Carrinho se fez rapidamente notar, produzindo, com sua presença indiscreta – e descarilhada da conhecida maquinaria hospitalar – um efeito de parada imediata, uma vez que, diante dele, parecia que se precisava falar, reagir, interrogar. E se para muitos, passantes ou acamados, o Carrinho-chiste produzia como efeito o inusitado de um encontro deslocado, por meio do embaralhamento dos códigos conhecidos, cortando a fixidez de um sentido com a leveza da ponta de um bisturi, para outros não era incomum que algum elemento-detalle em sua forma e/ou na conversa que decantava de suas andanças, fizesse as vias de ponte verbal, elemento elo entre uma lembrança encobridora e outra que não podia ser lembrada, encaminhando a tessitura de narrativas que não faziam mais do que retroagirem sobre o passado.

O Carrinho de Parada movimentava-se como tecnologia leve pelos corredores do hospital – sem excluir a importância de seu contrário, as tecnologias duras – e ao se movimentar procurava abrir a possibilidade do jogo polisêmico das palavras, seja pela sua forma, que se mimetizava à assepsia hospitalar, seja pela produção de palavras e memórias que ele colocava para circular nos encontros com os pacientes e com a equipe médica. Suas rodas giravam nos corredores e, ao girar, movimentavam a engrenagem da produção discursiva desestabilizando a forma por sua

presença chistosa. Seu trânsito se dava em um deslocamento que ensejava abrir espaço para uma lógica capaz de indicar algo e, ao mesmo tempo, apontar para seu contrário – como só acontece no campo do inconsciente –, o que, para dizer na companhia da literatura da Clarice Lispector (1999), gera a possibilidade de *desencalhar a palavra*, tirar ela de um estado conhecido, embaralhando as orientações que nos guiam. Sua invenção e instauração no hospital foi possível pelos desdobramentos de um pensamento que toma a psicanálise como uma tecnologia que quer mobilizar a palavra em sua abertura polissêmica e que, para isso, vale-se, em espaços não convencionais para um psicanalista, como os corredores de um hospital, de diferentes artefatos capazes de abrir o espaço para a escuta das formações do inconsciente e para a emergência do sujeito do desejo.

Referências

- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FOUCAULT, M. Tecnologias del yo. In: FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós, 1990. Pp. 45-94.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. [Volume 5]. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. Pp. 119-140
- FREUD, S. Lembranças encobridoras. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. [Volume 4]. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. Pp. 269-290.
- FREUD, S. Lembranças de infância e lembranças encobridoras. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. [Volume 4]. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. Pp. 53-59
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. [Volume 4]. Rio de Janeiro: Imago, 1976d. Pp. 303- 409
- GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana [Volume 2]: a interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Pp. 238-324.

LACAN, J. **O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LISPECTOR, C. **A maçã no escuro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LLANSOL, M. G. **Finita.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo.** São Paulo: Hucitec, 2002.

POMMIER, G. **O desenlace de uma análise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.